

# MORTE E LUTO NO CIBERESPAÇO

---

**José Carlos Silvestre**

Mestrando da Pontifícia  
Universidade Católica de  
São Paulo - TIDD

Orientador: Nelson Brissac  
kasetashuu@gmail.com

**Nuricel Villalonga Aguilera**

Mestranda da Pontifícia  
Universidade Católica de  
São Paulo - TIDD

Orientador: Sérgio Basbaum  
nuricel@uol.com.br

*At night, in the fish-light of the moon,  
the dead wear our white shirts  
To stay warm, and litter the fields.  
We pick them up in the mornings,  
dewy pieces of paper and scraps of cloth.  
Like us, they refract themselves. Like us,  
They keep on saying the same thing,  
trying to get it right.  
Like us, the water unsettles their names.  
(Charles Wright, Homage to Paul Cézanne)*

## I - Introdução

*Fayejin*, como era conhecida no popular jogo *multiplayer World of Warcraft*, faleceu em 28 de Fevereiro de 2007. Os membros de sua guilda (uma aliança de jogadores que cooperam no mundo virtual do jogo) promoveram, em sua memória, um velório virtual dentro do jogo: seus personagens se reuniram em um local específico no mundo virtual para despedir-se da jogadora, os vários avatares fantásticos em fila em um dos lugares favoritos da falecida no mundo virtual do jogo. Esta prática, que pode soar inusitada para a maioria das pessoas, tem antecedentes na sub-cultura do *World of Warcraft*; o primeiro funeral “em-jogo” a atrair atenção da mídia tendo ocorrido em 2005, com a participação principalmente de jogadores chineses e coreanos. A peculiaridade deste caso é que o velório foi interrompido por um ataque organizado por duas outras guildas, chamadas “*Serenity Now*” e “*Gnomeland Security*”.

Este evento disparou uma longa discussão tanto no meio do *World of Warcraft* como na Internet em geral, em que vários pontos concernindo à morte e o ritual mortuário em meios virtuais foram abordados. Muitos questionavam, por exemplo, até que ponto um jogo de fantasia medieval era um ambiente apropriado para um velório, e, assim, até que ponto o ataque pelas guildas rivais é comparável ao desrespeito de interromper um velório tradicional e presencial. Outros apontaram que os jogadores da guilda de *Fayejin* a conheciam essencialmente no contexto do jogo – isto é, todo o contato que tiveram com ela aconteceu enquanto ela interpretava um personagem dentro de uma narrativa fantasiosa. Quem, afinal, eles estavam velando? Outro ponto levantado foi que há regiões no mundo do jogo em que é impossível atacar outros personagens; e que, ao realizar o ritual mortuário fora dessas regiões, a guilda de *Fayejin* havia errado quanto à propriedade do lugar para o ritual. Isto indica que, apesar de que para muitos o mundo virtual de um jogo *multiplayer* pareça um lugar tão inadequado para um velório quanto uma avenida movimentada ou um parque de diversões, dentro da sub-cultura do jogo já surgiu uma nova demarcação de lugares apropriados e não-apropriados para um velório.

Outro ponto a ser lembrado é que os jogadores de *World of Warcraft* vêm de diversas partes do mundo (o jogo é bastante popular no Extremo Oriente), e não se pode supor que os jogadores todos falem inglês, para que a situação lhes seja explicada. Além disso, as guildas são reunidas em dois grandes grupos rivais (a “Aliança” e a “Horda”), e as mensagens de membros de um grupo não são legíveis para o outro. Ao fazer o funeral em uma área disputada do mundo virtual, os jogadores participantes do velório tinham uma expectativa de que todos os jogadores reconhecessem a situação como um velório “em-jogo”, uma vez que havia registros de tais práticas tanto no

Ocidente como no Oriente havia pelo menos dois anos. Isto nos leva à conclusão instigante de que, nesta sub-cultura, uma semiologia da morte e do rito mortuário estaria emergindo, de caráter universal dentro do jogo, que permitiria a jogadores de qualquer nação entender que aquela aglomeração de personagens significava um velório, apesar da barreira lingüística. É instigante notar que, tanto nos fóruns quanto nas notícias a esse respeito, o nome verdadeiro de *Fayejin* nunca é mencionado; ela é sempre referida pelo apelido que escolheu usar no jogo.

*Mitchell Henderson*, de 13 anos, suicidou-se em Abril de 2006. Como é comum com adolescentes, seu perfil na rede social *Myspace* tornou-se uma espécie de memorial para os amigos, que o usavam para deixar mensagens de despedida. Usuários do fórum 4chan, onde impera o anonimato (nem mesmo *nicknames* são usados), descobriram o perfil de *Mitchell* e, por mais de um ano, atacaram o perfil e fizeram trotes telefônicos para a família. A expressão “*an hero*”, cunhada na ocasião para se referir a *Mitchell*, tornou-se gíria na Internet para suicida e, da autoria deste texto, retornava 139,000 resultados em uma busca no *Google*.

Estes dois exemplos ilustram um quadro geral: os softwares sociais de hoje não prevêem a possibilidade da morte de seus usuários. Esta situação estranha acaba por obrigar os usuários – que, em geral, também estão despreparados para a morte real em um meio virtual – a construir suas próprias formas de lidar com essa questão, subvertendo as ferramentas dos sistemas na criação de rituais. Mas estes esforços, como os dois exemplos destacam, não são universalmente reconhecidos; dentro da mesma demografia, e mesmo dentro da mesma sub-cultura, encontraremos pessoas que já construíram normas e rituais complexos, que experienciam como plenamente legítimos, e pessoas para quem tais rituais parecerão absurdos e desrespeitosos. Investigaremos neste artigo este novo fenômeno: o surgimento espontâneo de uma significação para a morte online, em uma multiplicidade de atitudes, sensibilidades e perspectivas que, não raro, acabam por se chocar.

## II – Depois do Ciberespaço

Acontecimentos como os relatados acima são relativamente recentes. Ao menos, situações em que os usuários se vêem diante do problema de lidar com a morte na Internet tornaram-se muito mais comuns nesta década. E isto acompanha uma série de transformações no próprio uso da Internet, para as quais as teorias da década de 90 já se mostram insuficientes ou desatualizadas.

Em seus celebrados estudos sobre a psicologia do “ciberespaço”, *Sherry Turkle* que a vida virtual nos leva a uma “reconsideração geral das noções tradicionais e unitárias de identidade” (*TURKLE*, 1995); a Internet nos levaria a enxergar mais facilmente o caráter múltiplo, fragmentário e heterogêneo de um *self* que é ativamente construído. Mas a Internet que *Turkle* descreve parecerá, para muitos de nós, pouco familiar: é a Internet dos *MUDs* e dos fóruns dedicados a assuntos específicos, onde é regra assumir personas diversas e onde não é possível, a princípio, recuar para a pessoa por trás do *nick* ou do avatar. “Sem qualquer princípio de coerência, o *self* desfia-se para todas as direções.” (*TURKLE*, 1995) Estas comunidades são, a princípio, globais, e nossas raízes com o local são, por isso, atenuadas.

Esta visão da Internet como um “ciberespaço”, um espaço à parte do “mundo real” em que desconhecidos de vários lugares do mundo se conhecem e formam novas comunidades, e onde “ninguém sabe que você é um cachorro”, data de 13 anos atrás. Nesta época, estes espaços virtuais habitados por uma minoria, e usado com frequência por um grupo ainda menor – hoje, nos parece que *todos* estão na Internet; dos jovens à maioria dos adultos do mundo industrializado. Conforme a Internet se tornou um espaço majoritário, vários serviços para o dia-a-dia no “mundo real” migraram para ou nasceram no mundo virtual, e, longe de representar um desligamento do local e da identidade no mundo presencial, o virtual funciona, cada vez mais, como uma *extensão* da vida cotidiana no “mundo real”, e não como uma *alternativa*.

Jogos como *World of Warcraft*, chamados *MMORPGs* (*Massively Multiplayer Online Role-Playing Games*), podem ser pensados como herdeiros da experiência dos MUDs que norteou a pesquisa nos anos 90. O Myspace, por outro lado, é basicamente uma novidade: os Serviços de Redes Sociais (SRS), que constroem redes públicas ou semi-públicas a partir de um mapeamento das amizades de seus usuários, surgiram, para efeitos práticos, nesta década, em que rapidamente se tornou um dos usos mais populares da Internet.

E ao contrário do mundo de amizades virtuais dos tempos do ciberespaço, os SRS servem primariamente para comunicação entre pessoas que já se conhecem presencialmente e o estabelecimento de comunidades primariamente localizadas. Esta foi a conclusão de *Boyd e Ellison*, a partir de um estudo que concluiu que 91% dos adolescentes americanos usa SRS para conversar com pessoas que já se conhecem<sup>[1]</sup>; segundo estas autoras, são poucos os jovens que procuram novas amizades com completos desconhecidos nestes sistemas. *Choi*<sup>[2]</sup>, investigando o SRS *Cyworld* na Coreia do Sul, chegou em uma cifra próxima: 85%. Em um estudo da *Ofcom* sobre o uso de SRS's por adolescentes, por volta de dois terços dos entrevistados responderam que usa tais sistemas para se comunicar com amigos e familiares; 47% buscam por amigos com que perderam contato, 35% conversavam com amigos de amigos (conservando, assim, a localidade da rede social e sua ligação com o “mundo real”), e apenas 17% disseram que conversam com estranhos.<sup>[3]</sup> O levantamento da *Pew Internet* com a mesma demografia concluiu que 49% dos adolescentes faziam novos amigos pela Internet – sem que a pergunta especificasse, contudo, se estes novos amigos já estavam em sua rede social estendida ou se eram desconhecidos de regiões distantes. Apenas 32% afirmam que já foram contatados por estranhos pela Internet alguma vez, e dentre estes, apenas 21% relatam ter reagido positivamente à aproximação.

O anonimato, também, se perde na era dos SRS's. Novamente segundo a *Pew*, 82% dos adolescentes americanos usa seu nome real em SRS's, e 79% inclui fotos em seus perfis (ainda assim, apenas 5% divulgam seus nomes completos, endereços e fotos pessoais para todos; a maioria que compartilha estas informações as mantém visíveis apenas para amigos).<sup>[4]</sup> Segundo *Boyd e Danah*, os SRS's servem hoje como espaços privados e protegidos em que os jovens se sociabilizam e desenvolvem sua visão de mundo social; o “*hanging out*”, para estes autores, agora acontece online.

Estas transformações não significam que a dinâmica descrita pelos autores dos anos 90 desapareceu por completo. Nestes sistemas, os usuários ainda estão se comunicando não-presencialmente, mesmo que tenham outras formas de contato presencial; e os SRS's convidam os

usuários a construir um perfil – uma descrição textual, em vários campos, de si mesmos – que não difere fundamentalmente dos mecanismos de construção da persona virtual de quinze anos atrás. Segundo o levantamento da *Ofcom*, 55% dos adolescentes coloca alguma informação falsa em seus perfis; 17% responderam que a quantidade de informação falsa é substancial, e 8% afirmaram que seus perfis são basicamente falsos. Estas identidades falsas, segundo a *Ofcom*, são “extensões exageradas de suas personalidades off-line”; os SRS's permitem a alguns usuários “retratar uma versão alternativa de sua identidade.” (*OFCOM*, 2008) Enquanto nos tempos do ciberespaço a adoção de personas e a dúvida sobre os demais usuários eram ostensivas e constantes, nos tempos dos softwares de redes sociais estes fenômenos são bem mais tênues; a tendência geral é tomar o perfil como um reflexo distorcido ou uma extensão que se confunde com uma identidade unitária do “mundo real”.

Uma nota que precisa ser feita para a compreensão de alguns dos itens a seguir é sobre o uso das ferramentas de recados (também: “*scraps*”; no *Myspace* conhecidos por “comentários”). Vamos, por simplicidade, adotar “recados”, aqui independente do SRS em questão) pelo segmento mais jovem dos usuários. Estas ferramentas são usadas para conversa e funcionam, para fins práticos, como mensagens em aberto, que ficam visíveis no perfil do receptor – ao menos até que este decida apagá-los. Segundo levantamento da Pew, 84% dos adolescentes que usam o *Myspace* já usaram recados <sup>[5]</sup>, e Boyd e Hanah chegam a descrevê-los como “uma forma de moeda cultural.” A troca de recados, para estes autores, é coletivamente esperada e serve para solidificar o grupo.

Estes dados se referem essencialmente ao público americano – citamos apenas um contra-exemplo, sobre a Coreia do Sul. Pesquisas desta natureza no Brasil, ao nosso saber, ainda não foram realizadas. Estas estimativas não se traduziriam precisamente para o caso brasileiro, é certo; mas é muito difícil imaginar que as tendências gerais aqui apontadas também não se aplicariam – o gosto do brasileiro por SRS's, diga-se, é notório, e sua penetração, principalmente pela rede *Orkut*, é reconhecida por quase todos. Mas não falamos aqui somente destes sistemas, mas da nova forma de utilização e caracterização de si próprios que os softwares sociais trazem. Independente de estarmos usando um programa de mensagem instantânea, um *MMORPG* ou uma tecnologia mais antiga como a sala de chat, pensamos no modelo do SRS como, para uma geração anterior, o modelo do *MUD* estendeu-se como paradigma para pensar as relações humanas na Internet.

### III - Migração da morte offline, para o mundo online

*“Não quero alcançar a imortalidade através da minha obra.  
Quero alcançá-la não morrendo”  
Woody Allen*

A internet transformou-se numa expansão do espaço “*offline*” e questões concernentes à vida e morte materiais, migraram para dentro do mundo *online* em busca de ressignificações e com usuários buscando expressar um sentimento de luto, em sistemas que não significam a morte. Diversos autores têm notado consideráveis semelhanças entre muitos dos temas do imaginário ligado às tecnologias do virtual e temas normalmente associados aos campos do sagrado e do

místico. No entanto, a construção da Internet não previu essas questões, bem como a morte de seus usuários. A web está a tempo bastante no ar para que muitos dos que surfaram suas ondas já tenham falecido e esse tipo de situações promove iniciativas de “adaptação espontânea” e utilizações inusitadas por parte daqueles que vivenciam esses espaços, acrescentando elementos à uma “antropologia online”, uma “semiose da net”. E as soluções perpetradas, estão associadas ao próprio processo pelo qual passa o “entendimento de morte” dentro da estrutura social atual. Resta-nos estimar os contornos da nova experiência subjetiva a partir de diferenças com o que já existiu, ou seja, pensar na experiência fundamental da subjetividade, a morte, e *“como as novas tecnologias podem estar transformando nossa percepção e nossas estratégias afetivas em lidar com a morte do outro”* (Paulo Vaz), a partir do estudo das representações da morte na cibercultura.

Temos o século XXI assistindo a expressões de luto, que transbordam do real para os espaços virtuais, tentando ajustar seus rituais mortuários do mundo *offline* para o *online*. Os ritos fúnebres, permanecem arraigados à cultura humana e participam do desatar de vínculos e do enfrentamento da angústia que a consciência da finitude humana gera. Rituais emprestam formas convencionais para organizar certos aspectos da vida social celebrando nossa solidariedade, partilhando sentimentos e emprestando sensações de coesão social. A morte sempre suscitou emoções que se socializaram em práticas fúnebres, uma série de cerimônias, incluindo aí o funeral, no qual a sociedade oficializa e ritualiza a despedida do falecido. As estratégias de enfrentamento da angústia que a consciência da sua finitude tem provocado no ser humano ao longo dos tempos tal que, para quem fica, via de regra, o aceitação da morte é um processo penoso (especialmente na a cultura ocidental), *“uma inadaptação à morte impressa no luto, como processo de reajuste social”* [6].

Por um longo período, no entanto, *“a morte foi acompanhada por sentimento de familiaridade, resignação passiva e esperança mística”* [7]. Uma entrega ao Destino estabelecida numa cerimônia pública, com ritos fixados pelos costumes e tão importantes quanto o funeral ou o luto. Com o século XIX despontou a morte romântica considerada bela, sublime repouso, eternidade e possibilidade de uma reunião com o ser amado e de reencontro com entes queridos (Airès, 1975). Também nesse período reforçaram-se os elementos de uma crença de “vida além-morte”, com o surgimento do espiritismo ligado a essa expectativa de vida futura e a possibilidade da comunicação com os espíritos num contato com “outras dimensões” [8]. A possibilidade de transmissão de mensagens pela imaterialidade das ondas eletromagnéticas do telégrafo teria propiciado o desenvolvimento de uma série de novas metáforas e imagens culturais de caráter religioso no ideário daquela sociedade [9]. Diversas doutrinas espiritualistas passaram a fazer uso de metáforas suscitadas pelo telégrafo. Allan Kardec e Flammarion, na França (1854) e a *Society for Physical Research* (1882), nos Estados Unidos, estimulam estudos sobre a morte e os fenômenos sobrenaturais (Kovács, 2002). Como coloca Ericson Saint Clair, a velocidade na transmissão de informações, imaterialidade das mensagens, era de utopias, tecnologia relacionando morte, imortalidade e imaterialidade: estas idéias, tão características do imaginário do ciberespaço, também teriam circundado o imaginário cultural dos fins do século XIX com o advento do telégrafo elétrico. [10]

Segundo Airès, dos séculos XII ao XIX, ocorre gestação das bases do que viria a ser a civilização

moderna e que trouxeram em seu esteio *“um sentimento mais pessoal, mais interior da morte, traduzindo o apego ferrenho às coisas da vida, a paixão de ser e a inquietação de não ser o suficiente”* (Airès, 1975). Esse autor delineou bem a problemática da negação da morte, nas gerações a partir do século XX, devido à sua inabilidade em desvencilhar-se ou lidar com ela. Airès e Edgar Morin concordam que nesse período *“consolida-se uma ruptura: a recusa da morte e a luta contra ela”*. A ciência em alta e o avassalador desenvolvimento tecnológico, sente-se a morte não mais como um fenômeno natural, mas antes como fracasso, impotência ou imperícia a serem suplantados. Essa postura é perceptível nas reflexões de Morin: *“A ciência, de modo ainda meio inconsciente, se incumbiu de realizar o velho sonho antropológico. De fato, é sua luta contra o envelhecimento. E, em última instância, não envelhecer é não morrer”* <sup>[11]</sup> (Morin, 1997). Assim, a sociedade expulsa a morte na tentativa de proteger a vida (Kovács, M. J.) e os sinais, de que uma morte ocorreu, passam a ser evitados. É a morte invertida, como propõe Airès, essa rejeição que surge após um longo período em que a morte era um espetáculo público do qual as pessoas não pensavam em esquivar-se. Ainda segundo esse autor, entre 1930 e 1950, o processo de escamoteamento da morte precipita-se por conta da transferência do local em que esta ocorre. Já não se morre mais em casa, no meio dos seus; morre-se no hospital onde a morte passa a ser um fenômeno técnico cada vez mais distante e solitário. Airès insiste que *“Na morte moderna há o empenho de minimizar as operações destinadas a fazer desaparecer o corpo do falecido e a reduzir o tempo do processo de luto”* – varre-se para baixo do tapete essa questão mal resolvida e com isso promove-se a ilusória sensação de imortalidade. Como afirma um dos jovens participantes entrevistados nessa pesquisa, *“A morte é quando a eternidade acaba”*.

Os trabalhos de Aires não alcançam o novo milênio e para onde aponta o século XXI, nas questões concernentes à morte, ainda é uma questão em processo. Na presente pesquisa, observam-se pinceladas que delineiam um novo quadro para o entendimento da morte, principalmente por parte da geração mais jovem, àqueles nascidos depois de 1986. Parece esboçar-se uma paisagem menos sombria, calcada na expectativa de “algum tipo de continuidade”, herança da miscelânea religiosa, tecnológica e midiática que alcança nossos tempos, e num resgate da aceitação da morte como parte inexorável do ciclo natural da vida. E como reagem esses jovens usuários quando dão de cara com a morte em seu próprio monitor? Quando alguém que morreu surge sorrindo no setor “Meus amigos” do seu Orkut? O que fazer com os perfis e espaços que subsistem para além da existência material de seus produtores, em ambientes que não articulam a própria idéia da morte?

Reinhold Esterbauer coloca que o ciberespaço estabelece possibilidades incomuns para as concepções a respeito da morte:

*“De repente, há várias mortes possíveis. Por um lado, pode-se morrer para a rede, isto é, deixar alguns campos ou sair completamente da rede. Ou morrem ‘criaturas’ no mundo virtual com as quais a pessoa se identifica ou pelas quais fica de luto. Por outro lado, ainda existe a morte real. Todavia, o morto, de morte real, pode, por sua vez, tornar-se relevante para a vida na rede. Assim, o morto na realidade efetiva pode continuar a viver na rede, mas certamente apenas como texto ou imagem, não mais como interventor ativo nos acontecimentos. No ciberespaço, assim como é possível ser uma pessoa com diferentes identidades, também é possível morrer várias vezes.”* <sup>[12]</sup>

Se admitirmos, que o luto no ciberespaço pode incluir todo e qualquer afastamento, estaríamos então diante da multiplicação de formas de contato possível, graças às tecnologias de comunicação, que viabilizam diferentes formas de presença à distância. Ao se constituir e manter uma relação na Internet, “*o que se desdobra não é a ausência de porvir, mas a manutenção de conexões que podem, pela variação de circunstâncias, serem mobilizadas*” (Paulo Vaz).

## IV – Recados de Fantasmas

Encontramos nas principais redes sociais diversos perfis de pessoas falecidas, e muitos destes perfis são usados para um trabalho de luto de alguma forma. Um levantamento de tais perfis revela-se bastante complicado. Um site – o *mydeathspace.com* – e uma comunidade do *Orkut* – a “*Profiles de Gente Morta*”, ou “*PGM*” - dedicam-se a catalogar perfis de falecidos, nas redes *Myspace* e *Orkut* respectivamente. Não podemos, entretanto, tomar estes perfis como representativos da população em geral. Não sabemos quantos perfis foram apagados logo depois do falecimento, por exemplo, ou quantos, por discricção de família e amigos, nunca chegaram a ser divulgados para curiosos anônimos. Além disso, os registros do *mydeathspace.com* passam por uma seleção pelos criadores do site.

Ao tomar exemplos destas duas fontes, tivemos o cuidado de evitar pessoas famosas – ainda que apenas localmente – e considerar apenas perfis de falecidos a tempo suficiente para que uma reação de amigos e parentes já pudesse ser observada. Tentamos, também, diversificar os exemplos quanto à idade, gênero e localização (nos Estados Unidos no caso do *mydeathspace.com* e no Brasil no caso da *PGM*). A maioria dos perfis é de jovens; no *mydeathspace.com*, o mais jovem contava com 11 anos quando do falecimento, e os exemplos mais velhos utilizados estavam na casa dos 40. Na *PGM*, o registro mais jovem era de um bebê (obviamente criado e mantido pelos pais), enquanto outros registravam idosos.

Uma dificuldade adicional na análise destes perfis é que muitos deles são “privados” - com que se entende que algumas de suas ferramentas, como a página de recados, só visível para amigos. Nestes casos, nem sempre é possível inferir se um trabalho de luto está ou não acontecendo, nem conhecer sua natureza. Ao menos um dos perfis encontrados tornou-se privado postumamente, por edição de familiares que deixaram uma nota a respeito na parte pública do perfil.

Observamos poucas diferenças, em linhas gerais, entre os perfis brasileiros e americanos catalogados nestes dois registros. De trinta perfis considerados do *mydeathspace.com*, 15 deles continham mensagens de luto em suas páginas de recado (“*the wall*”, no *Myspace*), contra seis sem mensagens de luto – as demais páginas de recados estavam restritas apenas a amigos. Oito perfis foram editados postumamente, em geral por parentes que tinham acesso à conta do falecido, dos quais seis foram transformados em memoriais online. As manifestações póstumas são mais comuns entre jovens; um perfil de um jovem falecido com 11 anos em 2004 conta, até hoje, com submissões constantes em sua página de recados, enquanto apenas um perfil, de uma mulher de 45 anos, parece ter sido completamente abandonado – depois de um mês, não se vê nenhum indício de sua morte.

Os recados de luto dirigem-se à pessoa do falecido, como se conversassem com ele; encontramos apenas uma exceção, no Orkut, que se dirigia ostensivamente aos pais do falecido. Ainda mais curioso, não há mudança de registro nestes recados póstumos, escritos na mesma linguagem (e com a mesma ortografia peculiar) de recados quando o recipiente estava vivo. Algumas mensagens, em perfis mais antigos, parecem engajar em uma conversa, contando novidades e trivialidades (*"I cut my hair and it's ridiculously short, haha, i look like I'm 15. I love you!"*). A comunicação direcionada ao falecido (e não, como em outros ritos mortuários, aos que lhe sobrevivem) chega às vezes a extremos. Um recado para um jovem falecido aos 16 anos diz: *"Sam.. I can't tell you everything in a comment.. so I sent you a message."* No perfil no Orkut de uma jovem falecida aos 14 anos, amigos usaram postumamente o aplicativo *"Buddypoke"*, em que ações entre os donos dos perfis são encenadas por bonecos que os representam – um resquício da era dos *avatares*. Duas amigas abraçaram a falecida (vê-se a animação de dois bonecos, com as características da falecida e da amiga, se abraçando); um usou a opção *"reclamar com"*, em que seu avatar se mostra chorando para um avatar constrangido da falecida; um preferiu, surpreendentemente, a ação de *cutucá-la*.

Dos perfis que foram editados, a maioria anuncia abertamente quem é o editor e suas intenções ao fazê-lo. Em alguns exemplos, contudo, a edição se dá na primeira pessoa, como se o próprio falecido estivesse atualizando o perfil do além-mundo. Um perfil, de um homem falecido aos 27 anos, diz:

*"What up family what up friends, hi mommy I miss you I had to go for a while but I will see you again I love you and stay strong, family I love you too sorry I cant be with you right now but I'm in a better place keep ya heads up and stay up I'm watching over you all and praying for the best I had to spread my wings and one day you will to and I will be waiting for you all with open arms and the smile that you all have once missed, my grandmother is teaching me the word and pray right now so I will speak to you all soon pray for me as I'm praying for you with much love dav-o"*

Outro, de um jovem falecido aos 14 anos, lê:

*"I have gone to be in GOD'S loving arms...I'm skateboarding on the clouds in HEAVEN!!!"*

O perfil de uma mulher de 27 anos, vítima de um crime violento (e cujo corpo demorou meses para ser encontrado), alterna entre a voz da falecida e do editor póstumo sem indicadores da transição:

*"My name is Amy Giordano.... I was a loving mother to my son Michael until my boyfriend thought he had the right to take my life away. now i leave behind a beautiful boy and friends and family that miss me so. Lets pray that Amy's body be found so that we may give her a proper burial and put her soul to rest."*

Este mesmo perfil preenche, no campo *"Interesses"*: *"we hope that [ ... ] spends the rest of his life in jail with no chance of parol for what he has done to our amy ....."* (optamos por eliminar aqui o nome do suposto assassino, no original apresentado com nome e sobrenome.) Em um caso análogo, o perfil de uma mulher falecida aos 45 anos foi inteiramente devotado à denúncia do suposto responsável: até a foto do perfil foi substituída por uma foto dele.



Um achado interessante é que muitos destes perfis recebem recados com propagandas, que não são apagados (e muitas destas propagandas emulam a forma de mensagens pessoais legítimas); manifestações de pesar em um diálogo direcionado ao falecido são entremeadas por anúncios de produtos de aumento peniano. Isto é, na verdade, uma tensão constante nestes perfis: tratados como vivos pelos sistemas, suas datas de aniversário são indicadas com recomendações para presentes, o perfil continua ocupando o mesmo espaço que os dos vivos, sem nenhuma demarcação de um território dedicado ao repouso dos mortos e suas memórias. O luto, similarmente, não assume a forma da despedida derradeira, mas encena a vida continuada do falecido. Os mortos parecem continuar entre nós; e se atribuímos uma carga subjetiva aos perfis em redes sociais – como muitos jovens destes exemplos claramente fazem – acabamos por viver em um mundo de fantasmas.

## V– Metodologia

As questões abordadas nesse trabalho são extremamente recentes e a atual velocidade das mudanças exige uma verificação experimental ou uma “varredura”, junto a quem se utiliza, apropriada e expande seu “espaço de atuação” para os novos meios como a internet. Marshall McLuhan escreve que:

*“Em nenhum período da cultura humana os homens compreenderam os mecanismos psíquicos envolvidos na invenção e na tecnologia. Hoje é a velocidade instantânea da informação elétrica que, pela primeira vez, permite o fácil reconhecimento dos padrões e contornos formais da mudança e do desenvolvimento. O mundo inteiro, passado e presente, revelam-se agora a nós mesmos do mesmo modo que percebemos uma planta crescendo graças a um filme acelerado. Velocidade elétrica é sinônimo de luz e de compreensão das causas”.*<sup>[16]</sup>

O recorte multimetodológico privilegia a pesquisa de cunho qualitativo e utiliza-se de instrumentos como questionários, entrevistas e grupos de discussão; a abordagem se dá pela busca diferenciada dos jovens em locais de origem e em ambientes virtuais, estratégia possibilita responder pela juventude em suas dimensões de universalidade e particularidades relacionadas à faixa etária, condições sócio-econômicas e geográficas. Inicialmente procedeu-se a um levantamento, bibliográfico e também de perfis de pessoas mortas ou sites, blogs, contas em redes colaborativas e comunidades, na internet, que fossem voltadas, de algum modo, para a questão da morte offline/online. Levantou-se também, ações espontâneas desenvolvidas por usuários e instituições, para lidar com a questão da morte. Houve ação presencial em alguns grupos, e via internet, em outros. Foram propostas questões (Anexos 1b, 2b e 3b) que buscaram levantar:

- ✓ Qual é o entendimento que os participantes têm da morte ou qual sua crença num “além-vida” ou vida após a morte;
- ✓ Como reagem frente a ela, quando ela desponta no monitor de seus computadores e em seus espaços virtuais e como manifestam o luto no mundo online;

- ✓ Quais soluções propõem ou ainda, se pensaram em algum momento quanto ao modo de lidar com essas questões: *“Caso um amigo seu venha a falecer, você apagaria o contato da sua lista do MSN? E do Orkut? Por quê?”* ou *“O que você gostaria que fizessem com os seus perfis na Internet caso você morresse? Você já tomou algum tipo de providência a respeito?”*.

Procedeu-se a uma coleta de dados a partir de cinco fontes:

- ✓ A primeira fonte ou **grupo 1** (Anexo 1a), advém de pesquisa de partir de entrevistas e questionários (Anexo 2b) aplicados a 130 estudantes de escolas particulares e com idades entre 14 e 18 anos. Esses participantes foram divididos em dois subgrupos (1.1 e 1.2) segundo critério de habitação dos grupos, Alphaville (alto poder aquisitivo) e São Paulo (poder aquisitivo mais restrito), respectivamente. Os alunos foram divididos em grupos de dez, e após breve discussão, coletaram-se as respostas. Ofereceu-se aos estudantes que respondessem verbalmente, em aberto, ou escrevendo no questionário contendo as mesmas questões discutidas nos grupos. Quatorze jovens, optaram pelo questionário.
- ✓ A segunda fonte de dados ou **grupo 2** obtida por meio de questionamentos inseridos em comunidades do Orkut freqüentadas por pessoas na faixa etária entre 16 e 24 anos em sua maioria (nas enquetes não é possível saber a idade do participante). Os membros participantes dessa comunidade levaram os questionamentos propostos pelos autores, também para outras comunidades. No Anexo 2a, estão os dados levantados apenas nas comunidades em que os próprios autores inseriram questionamentos. No Anexo 2b estão o texto explicativo e o questionário proposto nas comunidades.
- ✓ A terceira amostra de dados (Anexo 3a) ou **grupo 3**, foi obtida, por meio de questionário (Anexo 3b), enviado por e-mail na rede social Orkut, a 20 pessoas entre 24 e 35 anos, todos da cidade de São Paulo. O questionário foi repassado por essas pessoas às suas redes de contatos o que rendeu, em duas semanas, 70 respostas (continuam chegando questionários respondidos por jovens de várias partes do Brasil).
- ✓ O quarto, **grupo 4**, composto de 5 jovens entre 14 e 18 anos, que tem em casa computador conectado à internet, selecionados em Miracatu, cidade em região rural com cerca de 12 mil habitantes situada no Vale do Ribeira, fundamentalmente região mais pobre do Estado de São Paulo.
- ✓ Por último, foi feito um levantamento de perfis de pessoas já falecidas para proceder ao estudo de casos (já discutidos nos capítulos iniciais desse trabalho).

## VI - Dados e resultados

Dos dados obtidos é possível observar uma mudança de comportamento frente à morte, mais marcante no grupo entre 14 e 24 anos – é o encarar a morte como um processo natural inserido no contexto da vida (vários reforçam porém, “não ter a mínima pressa de passar por isso”). O primeiro questionamento refere-se à relação que esses grupos (tabela 1) têm com a idéia da morte – como a entendem e se sentem em relação a ela. Nas questões: *“Como você se sente a respeito da morte?”*

**Tabela (1)**

GRUPO 1.1 (Anexo 1a)	GRUPO 1.2 (Anexo 1a)
Que é normal, um ciclo natural. (76%) Que é difícil ou dá medo. (20%) Que é o fim. (4%)	Que é normal, um ciclo natural. (60%) Que é difícil ou dá medo. (20%) Que é o fim. (8%) Que é triste. (12%)

Nota-se que para a maioria dos participantes dessa faixa etária a morte parece ser entendida mais como um “processo natural” associado ao ciclo vital, que como um “fracasso da vida”. Alguns reforçaram ainda: *“o terrível é pais perderem os filhos porque inverte a ordem das coisas; já filhos perderem os pais faz parte do ciclo da vida”*. Já a questão proposta para o grupo 2, *“Você tem medo da morte?”*:

- ✓ 44% (89 votos) das 198 pessoas que opinaram optaram pela resposta: “não, eu não tenho medo (PQ?)”. Um dos jovens (Anexo 2a) escreveu: **“Não tenho MEDO de morrer, tenho PENA de morrer”**. E outro colocou, **“Já eu... Não tenho medo, nem pena, e nem pressa...”**.
- ✓ Outros 32% (65 votos) dos 198 assinalaram: *“não porque eu confio em Deus!!!”*, mostrando que ainda há entre os jovens, uma forte componente de religiosidade. No grupo 4, de Miracatu, a solução religiosa para lidar com a questão da morte foi opção de 4 dos 5 participantes.
- ✓ 18% (36 votos) dos 198 assinalaram, *“Sim, porque não sei o que irá acontecer comigo...”*. O temor do desconhecido que sempre solapou a relação humana com a morte.
- ✓ Ainda nessa questão inserida num fórum (Anexo 2a), dos 50 que opinaram, 15 (30%) afirmaram que sim, tinham medo da morte e 25 (50%) que não tinham medo dela.

Na questão, *“Como você se sente a respeito da morte?”*, para o grupo 3 (Anexo 3a), dos 60 participantes obteve-se (Tabela 2):

**Tabela (2)**

Tranquilidade. É natural (16%) Bem resolvido, resignado (20%) Tem uma visão religiosa ou mística (8%) Não penso nisso ou não sei (12%)	Desconforto (10%) Medo ou terror (8%) Lamenta pelo sofrimento dos entes queridos (6%)
---	---

Mais uma vez, mesmo entre a faixa etária de 24 a 35 temos uma convivência com a idéia da morte mais negociada. Foi questionado a todos os grupos se haviam sofrido a perda de pessoas próximas. 85% já tinham passado por essa situação na vida.

Quanto a crer numa continuidade após a morte os resultados foram maciços para todos os grupos, mas principalmente nos grupos 1 e 4. Num período do desenvolvimento marcado por mudanças no corpo, profundas transformações, novas experiências, conflitos de sentimentos,

busca da identidade, questionamentos da família, sociedade etc., o paradoxo vida e morte, para o jovem, mostra-se fortemente presente. Há uma busca intensa pela vida, expressando-se sentimentos de onipotência e imortalidade. Vê-se, pela Tabela 3, que nem sempre essa crença de “continuidade” está necessariamente embasada às religiões formalmente constituídas. Muitas vezes parece um “apanhado” de elementos advindos de diferentes crenças e doutrinas (e até com uma forte influência da mídia) que configuram uma “religiosidade pessoal” do jovem (Tabela 3).

**Tabela (3)**

<b>GRUPO 1.1</b> (Anexo 1a)	<b>GRUPO 1.2</b> (Anexo 1a)	<b>GRUPO 2</b> (Anexo 2a)	<b>GRUPO 3</b> (Anexo 3a)	<b>GRUPO 4</b>
“De algum jeito”, a vida continua. (96%)  É o fim. (4%)	“De algum jeito”, a vida continua. (85%)  É o fim. (15%)	A vida continua. (39%)  Não continua. (22%)  Já acreditei. (6%)  Só quando acontecer comigo. (31%)	Acredito na vida após a morte (contexto religioso) (12%)  Acredito na vida após a morte fora de contexto religioso (30%)  Não acredito na vida após a morte (20%)	Acredito na vida após a morte (contexto religioso) (80%)  Não acredito na vida após a morte (20%)
Total: 50 estudantes	Total: 80 estudantes	Total: 253 votos	Total: 60 participantes	Total: 5 estudantes
*O computo geral muitas vezes não perfaz o total de participantes porque não foi colocado como obrigatório responder todos os campos. Computou-se apenas as questões respondidas.				

Na questão, “Alguém com quem você se comunicava por Internet já faleceu?”, observa-se que mesmo entre os mais jovens, a perda real de pessoas é significativa, sendo um pouco maior no grupo 3, de maior faixa etária. Esse resultado (Tabela 4) mostra que a questão da morte de usuários começa a se tornar mais freqüente. Lembremos que a pesquisa trabalhou basicamente com usuários jovens o que pressupõe que esses números devem ser maiores para as faixas etárias seguintes.

**Tabela (4)**

<b>GRUPO 1.1</b> (Anexo 1a)	<b>GRUPO 1.2</b> (Anexo 1a)	<b>GRUPO 3</b> (Anexo 3a)	<b>GRUPO 4</b>
Sim (28%)	Sim (31%)	Sim (38%)  *Já conhecia presencialmente a pessoa (15%)	Sim (0%)
Total: 50 estudantes	Total: 80 estudantes	Total: 60 participantes	Total: 5 estudantes
*O computo geral muitas vezes não perfaz o total de participantes porque não foi colocado como obrigatório responder todos os campos. Computou-se apenas as questões respondidas.			

Para as questões que envolvem decisões sobre os ambientes virtuais, como a questão, “Como é, ou como seria, para você, visitar o perfil no Orkut de uma pessoa falecida que você conheceu? Como seria para o caso de um desconhecido?”

**Tabela (5)**

GRUPO 1 (Anexo 1a)			
Conhecido	Desconhecido	Conhecido	Desconhecido
Horrível (4 alunos)	Nada (4 alunos)	Horrível (6 alunos)	Nada (2 alunos)
Estranho. (6 alunos)	Estranho. (3 alunos)	Estranho. (8 alunos)	Estranho. (5 alunos)
Normal. (4 alunos)	Indiferente. (5 alunos)	Normal. (3 alunos)	Indiferente. (6 alunos)
Triste. (7 alunos)	Triste. (4 alunos)	Triste. (20 alunos)	Triste. (3 alunos)
Legal*. (0 alunos)	Curiosidade. (3 alunos)	Legal*. (4 alunos)	Divertido. (2 alunos)
Não visitaria. (3 alunos)		Não visitaria. (4 alunos)	Curiosidade. (2 alunos)
*Muitos alunos disseram que seria legal "depois de um tempo para relembrar o amigo", mas no começo seria triste.			
**O computo geral muitas vezes não perfaz o total de participantes porque não foi colocado como obrigatório responder todos os campos. Computou-se apenas as questões respondidas.			

A maioria do grupo jovem (Tabela 5) não se sente confortável ao visitar o perfil de alguém que já faleceu enquanto que para muitos do grupo mais velho (Tabela 6) entendem esse espaço como um "Como um álbum de fotos ou memorial". Uma frase em especial resumiu as diversas colocações: "*Seria tão triste e normal quanto visitar a sua lápide*" ou essa outra do grupo 3, "É estranho ver as pessoas postando mensagens como se ele ainda conseguisse ler."

**Tabela (6)**

GRUPO 3 (Anexo3a)	
Conhecido	Desconhecido
Mórbido (3 participantes)	Mórbido (3 participantes)
Estranho (8 participantes)	Estranho (6 participantes)
Como um álbum de fotos ou memorial (13 participantes)	Como um álbum de fotos ou memorial (5 participantes)
Não sei (2 participantes)	Não sei (1 participantes)
Por curiosidade (1 participantes)	Por curiosidade (5 participantes)
Triste, vazio (9 participantes)	Triste (6 participantes)
Nunca visitei (3 participantes)	Nunca visitei (4 participantes)
*O computo geral muitas vezes não perfaz o total de participantes porque não foi colocado como obrigatório responder todos os campos. Computou-se apenas as questões respondidas.	

Para a questão proposta: "*Caso um amigo seu venha a falecer, você apagaria o contato da sua lista do MSN? E do Orkut?*", os resultados (Tabelas 7, 8 e 9) mostram que uma parcela expressiva em todos os grupos, tentam novas formas de trabalhar o luto; Muitos afirmaram que nunca tinham pensado a esse respeito, alguns manifestaram o anseio de prestar uma homenagem à memória do falecido, de manter os vínculos que tinham quando em vida ou parecem sentir uma certa "culpa" pela possibilidade de apagar os contatos.

**Tabela (7)**

GRUPO 1 (Anexo 1a)			
GRUPO 1.1 (Anexo 1a)		GRUPO 1.2 (Anexo 1a)	
MSM	Orkut	MSM	Orkut
Sim (62%) Não (34% alunos)	Sim (54%) Não (45%)	Sim (60%) Não (38%)	Sim (57%) Não (43%)
*O computo geral muitas vezes não perfaz o total de participantes porque não foi colocado como obrigatório responder todos os campos. Computou-se apenas as questões respondidas.			

**Tabela (8)**

GRUPO 2 (Anexo 2a)			
Opção	Nome da comunidade		
	A Morte Acaba com a Nossa Vida	Frases antes da Morte	Total geral
Sim	4 votos (33%)	4 votos (23%)	08 votos (28%)
Não	2 votos (16%)	8 votos (47%)	12 votos (42%)
Depende	2 votos (16%)	2 votos (11%)	04 votos (6%)
Não enche	4 votos (33%)	3 votos (17%)	07 votos (24%)
Total	12 votos	17 votos	29 votos

**Tabela (9)**

GRUPO 3 (Anexo3a)		GRUPO4
MSM	Orkut	
Apagaria (48%) Não (28% votos) Depende (4%)	Apagaria (36%) Não (44%) Depende (14%)	Sim (3 estudantes) Não (2 estudantes)
*O computo geral muitas vezes não perfaz o total de participantes porque não foi colocado como obrigatório responder todos os campos. Computou-se apenas as questões respondidas.		

Outros querem distanciar-se da proximidade da morte do conhecido, de sua tristeza e da recordação de própria finitude. Em todos os casos há a dificuldade para delimitar um espaço para o luto dentro da Internet. As diferentes reações frente a essa questão são exemplificadas nas frases expressas por participantes dos grupos: *“A lista é de amigos e não de pessoas vivas.”* ou *“Não apagaria, talvez dê a impressão de que a pessoa ainda está por aqui e pode entrar a qualquer momento.”* ou ainda, *“Seria como rasgar uma foto de alguém e jogar no lixo. E eu não me sinto bem rasgando fotos!”*.

Outra questão, *“O que você acha de deixar scraps em perfis de falecidos ou outras formas de comunicação virtual? Você já fez ou faria isso?”* (Anexos 1a e 3a), trazem resultados semelhantes que reforçam essa dificuldade de significar o luto dentro dos espaços virtuais.

Interessantes, no entanto, foram os resultados obtidos (Tabelas 10 e 11) na questão: *“O que*

*“você gostaria que fizessem com os seus perfis na Internet caso você morresse?”*. Observa-se, pelas tabelas abaixo que um número significativo dos usuários que responderam a questão, desejam manter seu perfil, blogs ou seja, sua vida online ativa . O interessante é que muitos deles optaram por apagar os perfis e blogs de outras pessoas, quando falecidas. Percebe-se nesse resultado o apego, a tentativa de “permanência”, uma busca inconsciente pela imortalidade, refletida na frase: *“Querida que meus amigos mantivessem como sinal de que sempre estarei presente na vida deles, mesmo não estando aqui em vida, mas apenas em espírito”* ou, *“Gostaria que fosse mantido. Ao apagá-lo, acho que se perderia muito da minha memória”*.

**Tabela (10)**

GRUPO 1 - Anexo 1a	
GRUPO 1.1 (Anexo 1a)	GRUPO 1.2 (Anexo 1a)
Apagassem. (16 alunos) 32% Mantivessem como homenagem. (18 alunos) 36% Indiferente. (8 alunos) 16% Nada. (1 alunos) 2%	Apagassem. (29 alunos) 36% Mantivessem como homenagem. (24 alunos) 30% Indiferente. (16 alunos) 20% Nada. (4 alunos) 5%
*O computo geral muitas vezes não perfaz o total de participantes porque não foi colocado como obrigatório responder todos os campos. Computou-se apenas as questões respondidas.	

**Tabela (11)**

GRUPO 3 (Anexo 3a)			
Que apagassem (28%)	Que mantivessem (34%)	Não sabe ou é indiferente (16%)	Nunca tinha pensado nisso (16%)
*O computo geral muitas vezes não perfaz o total de participantes porque não foi colocado como obrigatório responder todos os campos. Computou-se apenas as questões respondidas.			

Outro aspecto que deve ser refletido refere-se a toda uma produção intelectual colaborativa perdida, num simples “delete”, quando o destino das comunidades abertas por usuários, efetivamente falecidos na vida real, fica a cargo de suas famílias, que decidem apagá-las ou quando as próprias operadoras o fazem, após prazo pré-estabelecido. Como escreveu, André (conhecido como *Lord Thanatos*), um dos colaboradores na pesquisa:

*“Gosto muito de análise de sonhos, e há alguns anos participava de uma comunidade com cerca de 19.000 membros onde todos os dias pessoas contavam seus sonhos e outras davam suas interpretações (espirituais, psicanalíticas, simbólicas, etc.). De um dia para o outro a comunidade sumiu. Soube por comentários online, que a dona da comunidade havia morrido e a família decidiu apagar, não apenas seu perfil, mas todas as comunidades que tinha aberto. Anos de sonhos descritos diariamente com suas análises foram completamente perdidos. Talvez venha daí a minha constante preocupação com uma forma de backup que impeça a perda de pensamentos, redigidos apenas virtualmente, sejam apagados por alguém, após sua morte.”*

Mas alguns são mais utilitários e não vêem na net (ou talvez em sua própria vida) espaço para luto. Como exemplo, colocamos a frase: *“Vejo o Orkut como um meio de comunicação como outros quaisquer. Não passaria o telefone de um amigo falecido para uma nova agenda assim como não*

manteria seu perfil no Orkut. E certamente não quero que mantenham o meu.” Também é interessante observar que um número considerável de usuários da pesquisa já tomou providências quanto à questão.

“Em jogos como *World of Warcraft*, alguns jogadores promovem funerais dentro do jogo quando outros jogadores morrem. O que você acha disso?”. Essa foi uma questão (Tabela 12) que boa parte dos participantes da pesquisa não entendeu. A maioria porque não joga esse tipo de jogo e por tanto nunca pensou em utilizar esse meio como um espaço de luto. Interessante foi a aprovação intensa mesmo de quem nunca jogou. As frases: “É só um jogo. Como a simulação da realidade é muito apreciada e buscada nos games, faz sentido que rituais funerários tenham lugar na fantasia.” ou, “Conheceu no jogo – faz a homenagem no jogo”.

**Tabela (12)**

GRUPO 1 - Anexo 1a		GRUPO 3 (Anexo 3a)
GRUPO 1.1 (Anexo 1a)	GRUPO 1.2 (Anexo 1a)	
Bobeira/desnecessário (24%) Legal (36%)	Bobeira/desnecessário (34%alunos) Legal (48%alunos)	Não compreendeu a situação (14%) Não opinou (4%) Considerou válido (28%) Condeno, acho bobagem (14%)

Para o grupo 1 (Tabela 13), mais jovem, questionou-se: “Quando você constrói um perfil na Internet, o perfil reflete sempre quem você é? Pode-se dizer que a nova geração “põe a cara pra bater mesmo!”, como diz um dos jovens do grupo 1. Mas são usuários que sabem navegar por esses espaços como caminham pelas calçadas da sua rua. Via de regra, eles expõe até onde querem expor, sem abrir mão do que consideram privacidade. Algumas frases: “Bom, é o mais perto do que eu sou...sempre uma imagem sugerida ou desejada.” ou, “Eu crio alguns dados fictícios porque há coisas que não são públicas”.

**Tabela (13)**

GRUPO 1 - Anexo 1a	
GRUPO 1.1 (Anexo 1a)	GRUPO 1.2 (Anexo 1a)
Sou eu mesmo (64%) Fake/avatar (16%)	Sou eu mesmo (65%) Fake/avatar (20% alunos)

## VII – Conclusões

Este estudo, que apenas delineou um primeiro esboço, se colocou uma meta bastante ambiciosa: investigar um fenômeno que é incrivelmente múltiplo e variado e, ao mesmo tempo, bastante difícil de se discutir e de se mapear. Como construir uma amostra representativa dos vestígios virtuais de falecidos, e das reações dos que os sobrevivem – que, compreensivelmente, muitas vezes tratarão como bastante privado? Como verificar esta representatividade? Mortes podem se converter facilmente em estatísticas; os mortos são mais renitentes.

Assim, acreditamos ter apenas iniciado o que haveria de ser uma investigação muito maior e



com a exigência de maiores amostragens: uma pesquisa que talvez nunca conseguiria ser atualizada, com os costumes se transformando constantemente durante sua elaboração. Resta, por exemplo, investigar manifestações de lutos em outros sistemas, e em demografias diferentes – comunidades de pessoas mais velhas, de pacientes terminais. Resta investigar a diferenças entre gênero, classes sociais, e as diferenças regionais: em que ponto a semelhança entre o luto virtual brasileiro e o luto virtual americano termina, e o que acontece em outras partes do mundo.

Finalmente, há um plano em que esta pesquisa impinge em questões de um panorama muito maior: as transformações das atitudes diante da morte no Ocidente e a compreensão das estratégias desse novo milênio, para o enfrentamento da consciência da finitude do ser humano.

## VII – Notas

- [01] BOYD, Danah M.; ELISON, Nicole B.. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal Of Computer-mediated Communication**, Indiana, v. 1, n. 13, p.0-0, out. 2007.
- [02] CHOI, J. H. Living in Cyworld: Contextualising Cy-Ties in South Korea. In: **Use of Blogs**. Nova Iorque: Peter Lang, 2006. p. 173-186. (Digital Formations).
- [03] OFCOM. **Social Networking: A quantitative and qualitative research report into attitudes, behaviours and use**. Disponível em: [http://www.ofcom.org.uk/advice/media\\_literacy/medlitpub/medlitpubrssi/socialnetworking/](http://www.ofcom.org.uk/advice/media_literacy/medlitpub/medlitpubrssi/socialnetworking/). Acesso em: 03 out. 2008.
- [04] LENHART, Amanda; MADDEN, Mary. **How teens manage their online identities and personal information in the age of MySpace**. [http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP\\_Teens\\_Privacy\\_SNS\\_Report\\_Final.pdf](http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Teens_Privacy_SNS_Report_Final.pdf). Acesso em: 03 out. 2008. (Pew Internet and American Life Projects)
- [05] TURKLE, Sherry. **Life on the Screen: Identity in the Age of Internet**. NY: Simon & Schuster, 1995.
- [06] ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- [07] KOVÁCS, Maria Júlia, **Morte e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.
- [08] SCONCE, Jeffrey. **Haunted Media – Electronic Presence from Telegraphy to Television**. Durham: Duke University Press, 2000.
- [09] SAINT CLAIR, Ericson. **A morte no imaginário da cibercultura: um olhar sobre as Religiões Virtuais**. X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste – SIPEC, Rio de Janeiro, em 2004.
- [10] MORIN, Edgar, **O Homem e a Morte**, Imago, Rio De Janeiro, 1997.
- [11] ESTERBAUER, Reinhold. **“Deus no ciberespaço – sobre os aspectos religiosos dos novos meios”**. In ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H.W.; KOLB, A. (orgs.). **Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede mundial**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 130
- [12] BELLATO R, CARVALHO EC. **O jogo existencial e a ritualização da morte**. Rev Latino-am Enfermagem 2005 janeiro-fevereiro.
- [13] ROJAS, Elis Marchioni . Blog disponível em : <http://elismmonteiro.blogspot.com.br/>.
- [14] INAGAKI, Alexandre. **A Morte e a não-morte de Maria Elisa Guimarães**. Disponível em: [http://www.interney.net/blogs/inagaki/2007/01/28/a\\_morte\\_e\\_a\\_nao\\_morte\\_de\\_maria\\_elisa\\_gui/](http://www.interney.net/blogs/inagaki/2007/01/28/a_morte_e_a_nao_morte_de_maria_elisa_gui/).
- [15] GUIMARÃES, Maria Elisa. **Sub Rosa**, disponível em: <http://flabbergasted2.wordpress.com/about-me/>.
- [16] McLuhan, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem**. Cultrix, 1969.

## VIII – Bibliografia

- ARIÈS**, Philippe. História da morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BELLATO R**, **CARVALHO EC**. O jogo existencial e a ritualização da morte. Rev Latino-am Enfermagem 2005.
- BOYD**, Danah M.; **ELISON**, Nicole B.. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. Journal Of Computer-mediated Communication, Indiana, v. 1, n. 13, p.0-0, out. 2007.
- BURKE**, Peter. Uma História Social da Mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 128
- CHOI**, J. H. Living in Cyworld: Contextualising Cy-Ties in South Korea. In: **Use of Blogs**. Nova Iorque: Peter Lang, 2006. p. 173-186. (Digital Formations).
- ESTERBAUER**, Reinhold. “**Deus no ciberespaço – sobre os aspectos religiosos dos novos meios**”. In ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H.W.; KOLB, A. (orgs.). Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede mundial. São Paulo: Loyola, 2001, p. 130
- FELINTO**, Erick. Por uma crítica do imaginário tecnológico. Novas tecnologias e imagens da transcendência. Texto apresentado no GT Comunicação e Sociedade Tecnológica, no XI Encontro Nacional da COMPOS, em 2002.
- GONÇALVES**, Márcio Souza. Elementos para uma análise da articulação entre comunicação, cultura e subjetividade. Texto apresentado no GT Comunicação e Cultura, no XII Encontro Nacional da COMPOS, em 2004.
- KOVÁCS**, Maria Júlia, Morte e Desenvolvimento Humano, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.
- LENHART**, Amanda; **MADDEN**, Mary. How teens manage their online identities and personal information in the age of MySpace. Disponível em:  
<[http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP\\_Teens\\_Privacy\\_SNS\\_Report\\_Final.pdf](http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Teens_Privacy_SNS_Report_Final.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2008. (Pew Internet and American Life Projects)
- MCLUHAN**, Marshall. Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem. Cultrix, 1969.
- MORIN**, Edgar, O Homem e a Morte, Imago, Rio De Janeiro, 1997.
- OFCOM**. Social Networking: A quantitative and qualitative research report into attitudes, behaviours and use. Disponível em: [http://www.ofcom.org.uk/advice/media\\_literacy/medlitpub/medlitpubrss/socialnetworking/](http://www.ofcom.org.uk/advice/media_literacy/medlitpub/medlitpubrss/socialnetworking/)>. Acesso em: 03 out. 2008.
- SAINT CLAIR**, Ericson. A morte no imaginário da cibercultura: um olhar sobre as Religiões Virtuais. X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste – SIPEC, Rio de Janeiro, em 2004.
- SCONCE**, Jeffrey. Haunted Media – Electronic Presence from Telegraphy to Television. Durham: Duke University Press, 2000.
- TUBERT**, Silvia. A Morte e o imaginário na adolescência. Companhia de Freud, 1999.
- TURKLE**, Sherry. Life on the Screen: Identity in the Age of Internet. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1995.
- TURKLE**, Sherry. O Segundo eu. Lisboa: Presença, 1989.
- VAZ**, Paul. Relato crítico “Cibercepção da morte: luto virtual e misticismo tecnológico”, de Paulo Cunha.

## Anexo 1.a

<p>Foram lançadas as questões a seguir, em grupos de 10 estudantes de cada vez. Após uma breve discussão, foram coletadas as respostas. Ofereceu-se aos alunos que respondessem verbalmente e em aberto ou escrevendo no questionário contendo as mesmas questões discutidas nos grupos. Quatorze optaram por também responder via questionário. As porcentagens calculadas foram aproximadas para valores inteiros.</p>	
<p>Amostra: 50 jovens de 14 a 18 anos, cursando ensino médio e de alto poder aquisitivo (escola particular em Alpvilve)</p>	<p>Amostra: 80 jovens de 14 a 18 anos, cursando ensino médio e poder aquisitivo médio (escola particular em São Paulo)</p>
<p><b>Como você se sente a respeito da morte?</b></p>	
<p>Que é normal, um ciclo natural. (76%) Que é difícil ou dá medo. (20%) Que é o fim. (4%)</p>	<p>Que é normal, um ciclo natural. (60%) Que é difícil ou dá medo. (20%) Que é o fim. (8%) Que é triste. (12%)</p>
<p><b>Algumas Frases:</b></p> <p>“Todo mundo morre!” “Dá medo”. “Não tem definição”. “A morte é democrática.” “Não tenho que pensar nisso agora.” “A morte é só: terminou a missão!” “Continua dependendo das ações que você praticou”. “Você tem várias encarnações”. “Prá mim a morte é uma incógnita”. “É inevitável”.</p> <p>“A vida devia ser ao contrário: começar como velho e enquanto se aprende muito, ir ficando mais jovem para aproveitar muito tudo o que aprendemos. Depois virar criança e começar tudo de novo”.</p>	<p><b>Algumas Frases:</b></p> <p>“Inaceitável!”, “Vazio”, “Descanso”, “Saudade”. “Pensando na morte me sinto triste.” “A sensação de eterno acaba.” “A morte é uma questão de estatística”. “É uma decepção para quem morre.” “A morte é recorrente.” “Tenho que curtir ao máximo!”. “Boa sorte por lá do outro lado!” “Foi para um lugar melhor.” “É só um ciclo de vida.” “Tenho mais medo que as pessoas que amo morram.” “Depende de quando se morre. Se for aos 15 anos ... puxa só estudou e nada! Mas aos 90 anos é bom.”</p> <p>“No ritmo do relógio: tic-tac, tic-tac ... um a menos, um a menos, um a menos ...” “Quatro pessoas morrem por minuto... é algo como se a cada respiração: um chinês morreu, um chinês morreu, um chinês morreu e um chinês morreu ... ”.</p>
<p><b>Você acredita que a morte seja o fim ou que a vida continua de alguma forma?</b></p>	
<p>“De algum jeito”, a vida continua. (96%) É o fim. (4%)</p>	<p>“De algum jeito”, a vida continua. (85%) É o fim. (15%)</p>
<p><b>Você já sofreu a perda de alguém próximo?</b></p>	
<p>Sim (80%)</p>	<p>Sim (65%)</p>
<p><b>Alguém com quem você se comunicava por Internet já faleceu?</b></p>	
<p>Sim (28%)</p>	<p>Sim (31%)</p>

**Como é, ou como seria, para você, visitar o perfil no Orkut de uma pessoa falecida que você conheceu?  
Como seria para o caso de um desconhecido?**

\*Aqui foi dada ao aluno a opção de responder ou não à questão.

Conhecido	Desconhecido	Conhecido	Desconhecido
Horrível (4 alunos) Estranho. (6 alunos) Normal. (4 alunos) Triste. (7 alunos) Legal*. (0 alunos) Não visitaria. (3 alunos)	Nada (4 alunos) Estranho. (3 alunos) Indiferente. (5 alunos) Triste. (4 alunos) Curiosidade. (3 alunos)	Horrível (6 alunos) Estranho. (8 alunos) Normal. (3 alunos) Triste. (20 alunos) Legal*. (4 alunos) Não visitaria. (4 alunos)	Nada (2 alunos) Estranho. (5 alunos) Indiferente. (6 alunos) Triste. (3 alunos) Divertido. (2 alunos) Curiosidade. (2 alunos)
*Muitos alunos disseram que seria legal “depois de um tempo para relembrar o amigo”, mas no começo seria triste.		*Muitos alunos disseram que seria legal “depois de um tempo para relembrar o amigo”, mas no começo seria triste.	

**Algumas Frases:**

“Seria tão triste e normal quanto visitar a sua lápide”.

“No começo é triste, mas com o tempo fica gostoso relembrar.”

**Caso um amigo seu venha a falecer, você apagaria o contato da sua lista do MSN? E do Orkut? Por quê?**

\*Aqui foi dada ao aluno a opção de responder ou não à questão.

MSN	Orkut	MSN	Orkut
Sim (32 alunos) Não (6 alunos)	Sim (3 alunos) Não (41 alunos)	Sim (22 alunos) Não (4 alunos)	Sim (4 alunos) Não (16 alunos)

**O que você acha de deixar *scraps* em perfis de falecidos ou outras formas de comunicação virtual?  
Você já fez ou faria isso?**

**Algumas Frases:**

“Muito deprimente, afinal a pessoa não está mais lá e nunca vai ler aquilo!”

“Acho uma besteira, inútil pois não acredito em consciência depois da morte.”

“Acho bobagem porque a pessoa não verá aquilo, mas talvez seja gratificante para a família saber que seu ente querido foi amado”.

“Acho ridículo.”, “Seria desrespeitoso”.

“Acho coisa de doido. Nunca fiz e nem vou fazer ... vai que ele resolve me responder!”

“Bobagem, apenas uma válvula de escape para quem sente a falta do falecido.”

“Não faria ... acho doentio!”

**O que você gostaria que fizessem com os seus perfis na Internet caso você morresse?**

\*Aqui foi dada ao aluno a opção de responder ou não à questão.

Apagassem. (16 alunos) Mantivessem como homenagem. (14 alunos) Indiferente. (8 alunos) Nada. (1 alunos)	Apagassem. (29 alunos) Mantivessem como homenagem. (16 alunos) Indiferente. (16 alunos) Nada. (4 alunos)
--	---

<p><b>Algumas Frases:</b></p> <p>“Deixassem um ativo e os outros podem apagar.”</p> <p>“Queria que meus amigos mantivessem como sinal de que sempre estarei presente na vida deles, mesmo não estando aqui em vida, mas apenas em espírito”.</p> <p>“Sinceramente não me importo”.</p> <p>“Mesmo que eu quisesse que eles fizessem algo, não poderiam porque não vou passar a minha senha.”</p>	
<p><b>Você já tomou algum tipo de providência a respeito?</b></p> <p>*Aqui foi dada ao aluno a opção de responder ou não à questão.</p>	
Sim (6 alunos)	Sim (9 alunos)
<p><b>Algumas Frases:</b></p> <p>“Não, procuro não pensar na morte e sim viver intensamente”.</p> <p>“Sim, falei para minha irmã apagar tudo, se eu morrer”.</p>	
<p><b>Em jogos como <i>World of Warcraft</i>, alguns jogadores promovem funerais dentro do jogo quando outros jogadores morrem. O que você acha disso?</b></p>	
Bobeira/desnecessário/supérfluo (12 alunos) Legal (18 alunos)	Bobeira/desnecessário/supérfluo (27 alunos) Legal (38 alunos)
<p><b>Algumas Frases:</b></p> <p>“Conheceu no jogo – faz a homenagem no jogo”.</p> <p>“É uma simulação da vida”.</p> <p>“É como uma solenidade”.</p> <p>“Tem o mesmo significado de um funeral normal”.</p> <p>“Nada contra. É uma forma de mostrar que sentiu a morte do amigo”.</p> <p>“Ah, isso é coisa de retardado”.</p> <p>“Acho bobagem, afinal é um personagem virtual inventado e não uma pessoa”.</p>	

<p><b>Quando você constrói um perfil na Internet, o perfil reflete sempre quem você é? Você já criou alguma conta ou perfil fictícios em algum sistema?</b></p>	
Sou eu mesmo (32 alunos) Fake/avatar (8 alunos)	Sou eu mesmo (39 alunos) Fake/avatar (12 alunos)
<p><b>Algumas Frases:</b></p> <p>“Eu criei uma personagem e depois simulei que ela morreu”.</p> <p>“Alguns dados são inventados por causa da idade”.</p> <p>“Eu crio alguns dados fictícios porque há coisas que não são públicas”.</p> <p>“Bom, é o mais perto do que eu sou...sempre uma imagem sugerida ou desejada”.</p> <p>“Tenho o meu perfil verdadeiro e o falso para poder olhar no perfil dos outros sem ser identificada”.</p> <p>“No meu perfil mostro como sou, mas no meu <i>fake</i> invento uma nova personalidade”.</p>	

## Anexo 2.a

Vida após a morte (<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=217065>)

### Você acredita que quando morremos:

Vamos para o céu ou inferno? 34 votos (18%)

Permanecemos na Terra, próximos de nossos entes queridos? 31 votos (17%)

Ajudando/prejudicando irmãos encarnados? 28 votos (15%)

Vamos para um lugar desconhecido? 89 votos (48%)

**Total: 182 votos**

Morte única certeza do mundo (<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=114951>)

### Você acredita em vida após a morte?

Sim. 101 votos (39%)

Não. 56 votos (22%)

Já acreditei. 17 votos (6%)

Só quando acontecer comigo. 79 votos (31%)

**total: 253 vote**

Vida após a morte (<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=217065>)

### Se pudesse prever, como você gostaria de morrer ?

(=|βiƒƒyg|-|ö\$† ) 1ª morte rápida pra mim já basta, se tiver dormindo melhor ainda!

(lzyy) Infarto fulminante e dormindo .

(Fábiooo!!!™) Com 89 anos...em um carro a 190Km/h se chocando violentamente em uma vaca .

(alaa<sup>33</sup>) Talvez a base de um encontro com um homem bomba!

(\$\$ Elvi\$ \$\$) Dormindo.hehehehehe

(Clayton SCCP) Dormindo.

(Edson) Quero morrer do nada.. sem sentido.. do dia pro outro.. morrer

(Wesley) Numa explosão nuclear ou dormindo

(Paulo qUero QuE) Uma morte bem rápida!! Para não doer muito!!

Morte única certeza do mundo (<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=114951>)

### Vc tem medo da morte???

sim- pq não sei o q irá acontecer comigo... 36 votos (18%)

sim-pq eu vou reencarnar... 3 votos (1%)

sim-pq eu vou para o purgatorio 5 votos (2%)

não, eu não tenho medo (PQ?) 89 votos (44%)

não pq eu confio em Deus!!! 65 votos (32%)

total: 198 votos

**Caso um amigo seu venha a falecer, você apagaria o contato da sua lista do MSN? E do Orkut? Por quê?**

Sim. 34 votos (53%)  
 Não. 22 votos (34%)  
 Depende. 0 votos (0%)  
 Não enche. 8 voto (13%)

Morte (<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=152728>)

**Se um amigo morre você apagaria o seu msn e Orkut?**

Apagaria, sim ou não? Conta porque!

Anonymous	<p>Acho que sim. É uma maneira simbólica de se despedir do próprio amigo e, ainda mais importante, aplaca a dor da perda. Deve ser muito desagradável entrar no MSN ou Orkut e constatar que aquela pessoa "continua" ali. Traduzindo esse sentimento de desgosto numa linguagem mais popular, "o que os olhos não vêem o coração não sente".</p> <p>Alguém poderia deixar o perfil do falecido a título de "lembrança", mas não vejo por esse lado. "Lembrança" é algo mais abstrato, fica na mente da pessoa mesmo. Orkut e MSN são muito concretos (ainda que virtuais, hehehe) e se distinguem inclusive de presentes que o falecido tenha, porventura, legado. Um presente dado por alguém é a representação da afeição que a pessoa possuía por ti; é a representação de um sentimento. MSN e Orkut são representações da PRÓPRIA pessoa, que já faleceu. Além disso, em relação a um presente deixado por um falecido, basta guardar em um local; não precisa ficar se deparando com ele a toda hora - diferentemente do que ocorre com o Orkut e o MSN. Então, penso que é melhor evitar conservar o falecido em listas de contatos de Orkut e MSN.</p>
† Paulo Bonfá. †	<p>Porra, que merda de tópico heim.</p> <p>Se um amigo meu morreu, eu não preciso homenagear o infeliz excluindo orkut e/ou msn, apenas sentiria.</p> <p>E se excluísse, faria outro.</p>
malignos	claro q nao,vai q o cara e apegado de+a orkut e resolve volta pra manda um depo?
malignos	medium de orkut e moda agora
Anonymous	<p>Por que o tópico é uma "merda", Paulo? Eu já penso diferente, acho que é um tópico bastante interessante</p> <p>Pelo que entendi do anônimo acima, apagar o perfil do Orkut ou a conta do MSN é uma forma de despedida e não de homenagem. Homenagem é quando você quer louvar alguma pessoa, seus feitos ou algo assim. Despedida é diferente. Quando eu me despeço de um conhecido eu não estou, necessariamente, o homenageando.</p>
† Paulo Bonfá. †	<p>Você vai se despedir desse seu amigo que morreu, e d todo o resto do seu orkut.</p> <p>O mínimo que eu faria era excluir o perfil dele do meu orkut.</p>
Anonymous	Ah, agora entendi...! Vc respondeu como se eu excluísse o MEU perfil do orkut e MSN. É que a pergunta dá ensejo a isso, mesmo. Não; o que eu faria seria excluir o perfil do falecido. Mas continuaria com Orkut e MSN.
Filipe Torres	Claro, já morreu...
André	<p>Bem, interessante o tópico é sim! E por falar nisso, vamos tentar demonstrar um pouco mais de respeito e educação. Ninguém é obrigado a gostar de todos os tópicos, mas me parece bem paradoxal entrar e comentar em um que achou tão ruim! (<i>Não gostou, não entre; simples!</i>)</p> <p>Quanto ao tema, acho que não se deveria apagar o perfil. Pois ao longo da vida "orkutiana" (<i>a minha, por exemplo, já deve ter uns cinco anos</i>) todos nós escrevemos muito em comunidades, em depoimentos para os amigos, etc... apagar o perfil, tornaria tudo isso anônimo, matando um pouco (ou muito) da memória do falecido.</p> <p>Isso seria também útil do ponto de vista democrático; deixaria cada amigo ou parente livre para decidir se excluiria o morto de sua lista ou não. Dependendo da minha relação com a pessoa, eu poderia tomar uma decisão ou outra.</p>

O Msn já acho que não valeria a pena manter, a menos que eu esperasse que alguma nova atualização da Microsoft permitisse o envio e o recebimento de mensagens entre o mundo virtual e o "além"... 😊  
Saudações a todos

Morte (<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=152728>)

### VC TEM MEDO DA MORTE ?

Lucas	não tenho MEDO de morrer, tenho PENA de morrer.
André	Já eu... Não tenho medo, nem pena, nem pressa....mas tenho vontade!
Anonymous	O dia que eu perder o medo da morte, talvez nem levante da cama pela manhã ou só quando as costas começarem a fazer feridas. Quero dizer que vou ficar muito preguiçoso.
Filino	Da morte, não. Tenho certo receio é de morrer.
Lucas Diego	Por que teria medo da morte? Por que teria medo da morte, a morte não responde, a morte silencia e silencia o silêncio como consequência no choro daqueles que vão morrer um dia. A morte, em seu mistério vive para receber os que morreram. A morte é uma entrada, a morte é uma saída, a morte é o último capítulo da arte da vida. A morte, querida dos góticos é a morte, minha querida. Muitos acham que a morte é quem mata...A morte não mata, a morte não morre
lukao	medo nao mais curiosidade muita ^^
Anonymous	Não tenho medo de morrer, tenho medo do q viria após a morte.
Agnaldo	Não. Acho que não há motivo pra temer a morte, sendo que ela ocorrerá no momento certo. Por hora vamos vivendo intensamente a vida e quando chegar o momento do desfecho ou retorno, iremos com a mesma disposição que viemos, mas com a certeza de ter cumprido mais uma etapa.
Amie	Não sei como explicar, não tenho medo de morrer, tenho medo de ser morta, se não poder ter a escolha, ou de q as coisas não sejam naturais... A morte é uma grande incognita q fascina, as vezes ja tentei chegar nela, mas por obra do acaso ou sei o q não deu, mas o misterio q a cerca me atrai demais...
Anonymous	Não tenho medo da morte, tenho medo da dor.
Anonymous	não.....mesmo eu nao sabendo oq acontece depois dela
Renata	sim sim sim ... Pelo mistério que envolve esta fase de nossa existencia, nao saber quando, como, porque, se vai ficar tudo escuro, se vou para o inferno, limbo, purgatório, se responderei por meus erros, se serei gratificada pelos acertos... É uma coisa muito doida que me atormenta, a certeza que tenho de que um dia este corpinho ficará sem vida, e os meus pensamentos, sentimentos etc, para onde vão?
Adilson	TDS devem ter um pouco de temor , curiosidade , cautela, etc. Pois caso contrario , qualquer dificuldade tomaríamos a iniciativa de antecipá-la , assim é uma maneira de nos mantermos nesta atual experiencia vivos da silva....
♥Rose♥	Não tenho medo da morte.Tenho medo do que vou morrer, se vou morrer de repente,se vou sofrer em uma cama de hospital, ou se morrer de bala perdida e etc... Esse é o meu medo. Se a morte é descanso eu prefiro viver cansada.
☾☆ Hafsa	Não tenho,apesar de não acreditar muito em vida após a morte.
Fabrcio	Medo não! Tenho sim muita curiosidade pra ver o que acontecerá após esse fato!
jdpc	Tenho medo da morte sim e creio que quem afirma "não ter medo" na verdade morre de medo...
ferdinando	não tenho medo não ... eu nao tenho medo,medo eu tenho de ter vida eterna depois da morte como muitos dizem,nao acredito muito mais tenho medo,de viver eternamente,mais medo da morte nao,pois tenho curiosidade em saber como ela é.



Anonymous	Da minha morte ão tenho medo, mas tenho receio da morte das poucas pessoas que me agradam. Ter medo também do que "vem depois da morte" .. não faz sentido .. pois a "experiência da morte" é NÃO TER EXPERIÊNCIA ALGUMA .. você "DEIXA DE EXISTIR" .. sendo assim não há problema algum ..
breno	Devemos ter mais medo da vida!
†Lord†	Medo? Não, não tenho medo dela ate por que, para onde irei sei que será o melhor lugar de todos e sei que o Pai irá me julgar honestamente...
Rodrigo	Não viver já é estar morto, muitos estão mortos. Mas da morte, não tenho. A 'vida' continua :D
Thiago	não eu não tenho ... eu não considero a morte como um defeito humano mas sim uma condição humana, não há nada de errado em morrer como não há nada de errado em nascer!!! Acho que o medo das pessoas é porque elas normalmente fogem deste assunto, querem o mais lonje delas dai quando ela chega não sabem lidar com aquilo que sempre fugiram...
Yana	Não! Mas tenho muuuuuito medo de perder as pessoas a quem amo.
Juliano	Não! Eu aceito!
Letícia	Não, pelo contrario, acho q deve ser bem legal! masd não pq eu num quero viver, simplismente por curiosidade. pra mim a morte é sinonimo de respostas!!
☞Marina W. Abrão	Medo não,mas como uma boa parte das pessoas,CURIOSIDADE! Ter um experiência de E.Q.M deve ser no mínimo peculiar....fazer "uma viagem" e voltar tudo ao normal depois..Curiosíssimo! Posso achar que morri,mas isso pode ter sido um sonho...Acho que vou confundir as coisas "No dia"! rrsr
!Jarbas!	não sei que disse isso mas vai..."Para que ter medo da morte, pq enquanto vivemos ela não existe e quando ela passa existir em nossas vidas, nos já não existimos mais"
Anonymous	Jarbas, Ela existe sim, Jarbas. E no pior lugar: na nossa consciência.
Letícia	"Assim que nascemos começamos a morrer" .
Anonymous	Nãããõ ... pensem no terror que seus filhos terão quando descobrirem que estão morrendo lentamente. PAREM DE SE REPRODUZIR !
Sra. Marx	NÃO...MTO PELO CONTRÁRIO...A DESEJO MTO
SUMICO	É natural que tenhamos medo de morrer,afinal todos nós temos medo do desconhecido,quem disser q ão tem medo esta exagerando.
Vivian.	Não. Como ter medo da morte se quando ela chegar você não vai se lembrar de mais nada? Tenho medo de morrer, como todos têm ou pelo menos deve ter, ainda mais se for uma morte lenta, em que você sofra de dor. Tenho medo das pessoas que amo morrerem e do que elas vão sentir quando eu morrer.
Anonymous	Ninguém tem e todos têm. Ninguém que seja mentalmente sadio passa o dia fechado em casa tremendo de medo da morte, mas também não há quem viva sem se importar com a morte como se fosse eterno. Alguém pode dizer que se importar com a morte não é o mesmo que ter medo dela. Mas procure olhar para os seus outros medos e busque o que está na raiz deles se não é o medo da aniquilação, seja ela simbólica ou física. Se for simbólica, simbólica de que se não for da morte física?
omar	Me apavora a idéia de perder para sempre meus sentidos e minha consciência... certamente os que não tem medo de morrer não fazem idéia do significado da palavra... simplesmente parar de pensar para sempre, cessar de existir como ser consciente, passar apenas à matéria orgânica inerte que alimenta os vermes. É óbvio que não quero de jeito nenhum morrer, mas fazer o que, né??? Que seja num dia muito distante!
José	vi esta passagem em algum lugar: 'meu corpo tem mas eu não'. o jeito é colocarmos a nossa morte como o próprio sentido de nossa vida. aí fica mais fácil pra suportar.

The Crow	Não, só tenho medo de que aconteça isso em uma hora que eu esteja feliz, tenho medo também de deixar quem me ama triste e sofrendo com a minha morte!
Mariane	medo? Eu a quero mais que ninguém .
Elrond reprise	medo? eu a quero mais q tudo. A morte é esperança d uma alma atormentada pelos nosso proprios demonios. A liberdade seria o desligamento do corpo escravizador. Morte é a vida para a alma Morte é o esquecimento dester mundo e a imortalização da alma. Morte é deixar d existir neste mundo Morte é, apenas morrer
Marcia e Luciano	Sim tenho. Mas infelizmente todos nós temos que passar por ela.
Lucita	Quem tem Jesus não tem medo da morte. Porque sabe que quando morrer irá vê-lo face a face e irá descansar de suas obras.
Matheus	sei lá.. eu tenho mais não tenho.. qdo eu penso tipo, vou morre, ficar lá, um ser inconsciente, materia organica e talz.. mas por outro lado eu não tenho medo pois acredito em Jesus..
**Deus resgatame	Eu acho viver muito complicado mais eu sei como é. Eu sinto tudo a dor , o sofrimente , a alegria e o tam cometado e inesplicavel amor , e morrer significa não saber o que vou sentir ou pra onde vou e o que vai acontecer com todas as pessoas que eu "amei" e que ainda"amo".
Davi	de morrer eu tenho é medo de como vou morrer... tomará q seja rápida minha morte
ALQUIMISTA	pra mim.....a morte é uma circunstancia q féri apenas aqueles q sentirão a minha falta
Gaetano	Não. Ter medo de algo inevitável e desconhecido é falta de raciocínio.
♥♥ Andresa	SINCERAMENTE, me assusto... mesmo sendo inevitável...
▪Hiina liife	Eu tenho medo da minha morte..não medo de morrer..tenho medo de morrer sozinha. Tenho medo de que minha morte seja dolorosa,tenho muito medo de ser morta pela pessoa que eu mais amo.Ultimate,não tenho sentido amor,fome,frio,ou calor..Mais eu sinto coisas horriveis dentro de mim..Medo,angústia,Tristeza..E nada,nem ninguém vai poder me ajudar..Tenho 12 anos,e essa é minha realidade.
malignos	eu acho q todos os seres vivos tem medo da morte,mesmo q seja muito pouco
Persephone	...não é sábio, pois se já a teme diante mão é porque já fez um pré-conceito dela, assumindo-a como algo ruim. Porém, alguém já morreu para saber se a Morte é ruim ou boa? Como posso temê-la se não a conheço? Portanto, temer a Morte é ignorância e não Sabedoria." Palavras do mestre Sócrates. Além de Sócrates... Há também Montaigne que disse:"Filosofar é aprender a morrer".  Acho que precisamos disso, aprender a morrer e, portanto, filosofar!

## Anexo 3a

Foi enviado questionário (anexo 3b) enviado por e-mail na rede social Orkut, a 20 jovens entre 22 e 30 anos, todos da cidade de São Paulo. O questionário foi repassado por esses jovens às suas redes de contatos o que rendeu, até a data de encerramento do artigo, um total de 60 respostas (continuam chegando questionários respondidos por jovens de várias partes do Brasil).

### 1. Alguém com quem você se comunicava por Internet já faleceu? Se sim, como foi a experiência?

Sim (17)      Não (9)      Não sei (1)

Já conhecia presencialmente a pessoa (9)      Só conhecia a pessoa virtualmente (3)

Alguns descrevem como “estranho” e mencionam sensação de irrealidade. (8)

Alguns falam do atraso em descobrir a morte da pessoa (5)

Alguns destacam a tristeza pela morte da pessoa (6)

#### Algumas Frases:

“Eu nunca tive a chance de conhecê-la pessoalmente e nunca mais terei”.

“Como foi a experiência? Honestamente, a internet perdeu um pouco a graça desde então.”

“Um conhecido passou dois feriados prolongados com o mesmo grupo que eu, numa casa de veraneio, que morreu num acidente de carro e continuou aparecendo entre meus amigos no Orkut. O sistema do Orkut fica alternando as fotos do campo "meus amigos" e o falecido continua aparecendo por lá. É uma sensação estranha.”

“Foi semelhante ao sentimento de pesar ligado a pessoas "reais" pois o vínculo já envolvia bastante conhecimento.”

“Aconteceu pelo telefone. Por muitos mantinha contato com uma cliente até que certo dia, ao ligar, recebi a informação de que essa pessoa havia falecido. Senti-me triste mas logo pensei que isso era uma passagem - mais dias ou menos dias. Eu também passarei por isso.”

“Sim, a experiência não foi muito boa porque ficou uma sensação de que não era verdade. Não ter estado presente na ocasião, prestando solidariedade à família, deixou a sensação de que isso não aconteceu. Mas essa foi uma sensação que durou pouco tempo e aos poucos fui me adaptando à realidade.”

“Fiquei a pensar porque não nos conhecemos mais profundamente, porque ela nunca havia mencionado que estava doente...enfim, que tipo de relação foi aquela??Podíamos dizer que éramos amigas? Ou apenas comadres de janela virtual??”

“Repentinamente, recebi a notícia que ela tinha morrido. Foi triste, muito triste. Pior foi o susto que levei meses depois, quando a irmã desta pessoa entrou em contato comigo, via MSN da falecida... ela queria buscar escritos, coisas assim, para fazer uma homenagem. Foi o jeito que ela tinha para entrar em contato, mas foi um baita susto.”

### 2. Como é, ou como seria, para você, visitar o perfil no Orkut de uma pessoa falecida que você conheceu? Como seria para o caso de um desconhecido?

#### CONHECIDO

Mórbido (3)

Estranho (6)

Como um álbum de fotos ou memorial (9)

Não sei (2)

Por curiosidade (1)

Triste, vazio (8)

Nunca visitei (2)

#### DESCONHECIDO

Mórbido (3)

Estranho (3)

Como um álbum de fotos ou memorial (4)

Não sei (1)

Por curiosidade (5)

Triste (5)

Nunca visitei (3)

**Algumas Frases:**

“É como se ela estivesse viva mas que nunca iria responder os seus recados .”

“Eu e meus amigos estamos vivos e somos representados no Orkut por meio de fotografias e perfis. De repente, um morto aparece entre as fotos, representado da mesma maneira que os vivos. É estranho. Como se o morto invadisse sua rotina para lembrar que tudo passa e que você um dia vai estar lá *do outro lado* com ele.”

“É estranho você ter conhecido alguém que nunca vai ter a oportunidade de ver pessoalmente e saber como era.”

“Deixaria uma oração escrita. Pois existe um chance, de alguém ler. E isso criaria uma energia positiva sobre o acontecimento”.

Creio que, tanto para um conhecido, quanto no caso de um desconhecido, a sensação é aquela: "poderia ter sido eu". Sabemos que somos vulneráveis a isso, por essa razão nossa perplexidade. Acho, também, que vemos com outros olhos os gostos da pessoa, a vida dela. Creio que olhamos com mais carinho, diferentes dos olhares triviais de antes.

“Se fosse uma pessoa conhecida e dependendo do grau de sentimento e intimidade que eu teria com ela, eu iria lamentar, mas nada impediria de ir lá na página do(a) dito(a) e olhar algumas fotos pra, quem sabe, relembrar algum momento em comum. No caso de um desconhecido eu, do jeito que sou sarcástico, iria colocar alguma frase do tipo: "Já vai tarde meu filho!"

“Já visitei um perfil de desconhecido falecido, a título de curiosidade a respeito de como era aquela vida e suas crenças e preferências.”

“É estranho ver as pessoas postando mensagens como se ele ainda conseguisse ler.”

**3. Caso um amigo seu venha a falecer, você apagaria o contato da sua lista do MSN? E do Orkut? Por quê?**

MSN				Orkut			
Apagaria (14)	Não (12)	Não sei (2)	Depende (1)	Apagaria (14)	Não (13)	Não sei (1)	Depende (1)

Serve como recordação ou memorial (5)

Perfil ou a conta não tem utilidade ou significado posterior (10)

Manter o perfil dá uma sensação de presença continuada (5)

Causaria tristeza e saudade (4)

**Algumas Frases:**

“A lista é de amigos e não de pessoas vivas.”

“Apagar, tirar a lembrança da vista.”

“Quando eu apago um contato do MSN é pq eu não gosto da pessoa ou essa pessoa me irritou, delete da minha vida.”

“Apaguei. Sabia que aquele usuário nunca mais iria voltar a ficar *on*”.

“Sim. Por que a interação mudou, o morto não faz mais parte daquilo. Não faz sentido ele permanecer naquele ambiente virtual que é tão entranhado na minha rotina. Uso o MSN para contatos profissionais, recados rápidos relacionados a trabalho, ou conversa fiada com os amigos. Não quero a lembrança de um falecido ali. No entanto, acho interessante homenagens a falecidos na Internet. Já vi pais criarem comunidade para o filho morto, se não me engano, por bala perdida. Não vejo problema em criar um espaço, como uma comunidade, um álbum no *Flickr*, ou um site inteiro para homenagear o falecido, como um mausoléu virtual onde as pessoas podem lembrar bons momentos e cultivar a saudade. Seria uma adaptação dos nossos ritos funerários à nova realidade proporcionada pela tecnologia”.

“Não apagaria, talvez dê a impressão de que a pessoa ainda está por aqui e pode entrar a qualquer momento.”

“Seria como rasgar uma foto de alguém e jogar no lixo. E eu não me sinto bem rasgando fotos! [rs]”

“Ele não existiria mais e essas coisas são para facilitar a comunicação.”

“Claro que apagaria! A não ser que já tenha MSN e/ou Orkut no céu..... ou inferno... há.”

“Com meus amigos, o Orkut é só um adereço, um ajudante para jamais esquecer o dia do aniversário, ou mesmo saber a lista de músicas preferidas de maneira mais detalhista.”

“Porque não vai mais ter utilidade aquele ícone ali, a pessoa não vai aparecer mais. Em segundo lugar porque seria uma lembrança dolorosa. Por Internet ou pessoalmente, tenho o péssimo hábito de me apegar aos amigos.”

<p>“Acho que é como uma foto, você não precisa jogar todas as fotos de um amigo que morre, acredito que a maioria das pessoas não jogaria, então não vejo porque apagar o perfil de uma pessoa.”</p>			
<p><b>4. O que você acha de deixar <i>scraps</i> em perfis de falecidos ou outras formas de comunicação virtual?</b></p>			
<p>Como trabalho de luto (5) Não serve para nada (7) Acho estranho (2)</p>	<p>Como condolências para a família (10) Acho interessante (2)</p>	<p>Acho mórbido ou desrespeitoso (4) Comunicar aos outros (1) Acho ridículo (2)</p>	
<p><b>Você já fez ou faria isso?</b></p> <p>Sim (4)      Não (20)      Não sei (2)</p>			
<p><b>Algumas Frases:</b></p> <p>“Na hora achei besteira, pensei "mas ela não vai ler!". Deixei pq estava com vontade, como se fosse um desabafo.”</p> <p>“É uma forma de carinho e respeito para quem já esteve vivo um dia.”</p> <p>“Mandar uma mensagem para alguém que não vai ler nem te responder. Se eu quisesse falar, eu falaria pro espírito.”</p> <p>“Acho que é reconfortante para quem deixa, as pessoas aliviam um pouco a dor da perda podendo se expressar "diretamente" com o falecido.”</p> <p>“Maluquice! Vejo pela TV que quando morre alguém que tem perfil no Orkut e a mídia o transforma em "herói nacional", as pessoas procuram mais que rapidamente e deixam lá algumas mensagens de força, paz, etc...etc. Garanto que os familiares nem olham pras baboseiras ditas lá.”</p> <p>“Caramba, acho que isso é feito muito mais para a comunicação entre os vivos do que realmente para mandar uma mensagem para o falecido ou falecida. Isso pode ser feito mentalmente, não é necessário expressar de forma tão pública.”</p>			
<p><b>5. O que você gostaria que fizessem com os seus perfis na Internet caso você morresse?</b></p>			
<p>Que apagassem (11)</p>	<p>Que mantivessem (9)</p>	<p>Não sabe ou é indiferente (6)</p>	<p>Nunca tinha pensado nisso (8)</p>
<p><b>Você já tomou algum tipo de providência a respeito?</b></p> <p>Tomou providências (4)      Não tomou providências (12)      Espera que outros apaguem (1)</p>			
<p><b>Algumas Frases:</b></p> <p>“Isso não me preocupa em vida e com certeza, muito menos na morte.”</p> <p>“Podem apagá-lo ou encher de homenagens”.</p> <p>“Bem, que fosse mantido. Ao apagá-lo, acho que se perderia muito da minha memória”.</p> <p>“Nunca tomei providencias para isso, mas agora que você mencionou, vou procurar saber mais”.</p> <p>“Depois que eu morrer, isto não vai fazer diferença.”</p> <p>“Não faria diferença. Talvez a família pudesse comunicar ao fornecedor do serviço (no caso do Orkut, o Google) o desejo de que o perfil do falecido fosse apagado do sistema. Talvez o Google (e outros provedores de serviço) pudessem ter uma política em relação a isso.”</p> <p>“Gostaria que mantivessem do jeito que estava e que não permitissem mensagens do tipo "descanse em paz", "nós te amamos", "esteja onde estiver saiba que sempre lembrarei de vc" e coisas do tipo.”</p> <p>“Já pensei e já tomei as devidas providências. Não só a respeito de internet, mas também com contas a pagar, contas bancárias, senhas de bancos e seguros. Deixei carta lacrada com todas as informações. Pois seria de extrema importância que a ou as pessoas responsáveis tomassem as devidas providências sem ficar perdidas ao vento.”</p> <p>“Meu trabalho virtual, minha expressão, que são os blogs, flogs e perfis sociais, devem ser mantidos.”</p> <p>“Tenho meu blog, que é um retrato do que eu sou. Se eu morresse, poderiam deixar lá, para que eu ainda contribuísse de alguma maneira. Sempre há pontos em que as pessoas se identificam. Seria somente para leitura e não um memorial, já que eu preciso aprovar para que os comentários sejam postados. Provavelmente, as pessoas que acessam, nem saberiam que eu morri. Sobre meu perfil no Orkut, não faço questão de tê-lo, mas muitos dos meus contatos estão lá. Nesse caso, seria inevitável: viraria um "muro de lamentações"! [rs] São rastros que deixamos.”</p>			

“Gostaria que o deletassem, afinal, as coisas que vivi e deixei com as minhas pessoas, jamais serão deletadas no coração delas.  
 Eu tomei algumas medidas, em relação a tudo que tem senhas e perfis, deixei os dados gravados num backup e algumas pessoas de confiança sabem disso e o que devem fazer.”

“Vejo o Orkut como um meio de comunicação como outros quaisquer. Não passaria o telefone de um amigo falecido para uma nova agenda assim como não manteria seu perfil no Orkut. E certamente não quero que mantenham o meu.”

“Talvez com o passar das décadas e essa pessoa não tiver mais nenhuma ligação com os amigos, estes perfis vão funcionar como fonte de pesquisa para pesquisadores, historiadores, etc”.

“Não devem fazer nada, levarei comigo a senha... rrsrrs ... afinal de contas os provedores e administradores devem depois de um certo período excluir por falta de acesso”.

**6. Em jogos como *World of Warcraft*, alguns jogadores promovem funerais dentro do jogo quando outros jogadores morrem. O que você acha disso?**

Não compreendeu a situação (7)      Não opinou (2)      Considerou válido (14)      Condeno, acho bobagem (7)

**Algumas Frases:**

“O mundo "virtual" ainda é uma novidade, o nosso comportamento ainda está amadurecendo, ainda nos deparamos com situações antes não imaginadas...mas acho que é uma opção, é uma experiência interessante!”

“É só um jogo. Como a simulação da realidade é muito apreciada e buscada nos games, faz sentido que rituais funerários tenham lugar na fantasia.”

**7. Como você se sente a respeito da morte? Acredita que a morte seja o fim ou que a vida continua de alguma forma?**

Tranqüilidade. É natural (7) Bem resolvido, resignado (4) Tem uma visão religiosa ou mística (4) Desconforto (4) Medo ou terror (4) Não penso nisso (2) Lamenta pelo sofrimento dos entes queridos (2) Não opinou (2)	Acredito na vida após a morte (contexto religioso) (6) Acredito na vida após a morte fora de contexto religioso (10) Não acredito na vida após a morte (6) Não sei (4)
--	---

**Algumas Frases:**

“Precisamos encontrar um meio melhor de lidar com a impermanência.”

“O que houver ou não depois será bem vindo.”

“Tenho pavor saber que serei enterrada, já pedi para que não façam isso...quero ser congelada! E podem doar todos meus órgãos!”

“Acredito que a gente continua "vivo" no deixa como legado.”

“Acredito que a morte seja um sono, e permaneceremos dormindo até o dia da volta de Cristo.”

“Acreditar na vida depois da morte é a mesma coisa que acreditar em papai Noel, ou em vampiros e lobisomens, parece meio louco, mas tem um momento da vida em que acreditamos nisso.”

“A morte não nos concerne, pois, enquanto vivemos, a morte não está aqui. E quando ela chega, não estamos mais vivos.” (Epicuro)

“Quando eu passar dessa pra uma melhor, como diziam as tiazinhas...quando eu juntar as botas... quando eu "vier à faltar".. hahaha. Essa é a melhor... quando eu morrer... quero ver todos dizendo em alto e bom som... ele morreu.. m-o-r-r-o-e-u.... sem medo, sem receio... com o pouco de amor que possa restar em seus corações aflitos.. quero todos dizendo.. morreu como ninguém morreu antes.. pronto, maduro, consciente...morreu cheio de luz e por isso nunca viveu.. apenas passou umas férias aqui, num lugar que tinha tudo para ser o paraíso mas que o ser humano conseguiu transformar em um inferno.”

“Eu ainda tenho uma relação "infantilizada com a morte", pois penso que se existe um Deus e um Diabo, e se entre eles houve um problemas relacional, não deveriam ter envolvido toda a humanidade nesse impasse.

Depois, me bate um sentimento tipo "mas porque o ser humano tem que se achar tão especial a ponto de não aceitar a matemática da vida?" Eu não vejo os bichos preocupados com vida após a morte, só o homem com seu super cérebro potente que insiste nessa fantasia Frankstein de ser, vide as UTIs."

"Morrer deve ser algo extremamente sem graça :)"

## 8. Quando falamos de morte, qual frase vem à sua mente?

### Algumas Frases:

"Penso sempre que a pessoa está no céu olhando pelos que estão aqui."

"Não sei. Só me vem palavras como: enterro, cemitério."

"Tristeza. Despedida."

"This is the end, my only friend, the end", da música "The End", do The Doors.

"Aqui jaz."

"Enfim encontramos a Paz e a volta ao Começo de tudo."

"The world is but a notion unto me".

"De volta pra casa."

"Até que a morte os separe", no meu ponto de vista é isso que acontece. A morte chega e separa as pessoas que se amam.

"Perda" e "Se deus existe, é um grande filho da mãe."

"Fui..."

"Ele descansou, ou ele se retirou."

"Fim."

"Transferência de local de trabalho. Não acredito que tudo acabe com a morte; há apenas uma "transferência"; deixo o corpo para treinar o espírito de outra maneira."

"Olha... olha... ele está se mexendo!"...

"A vida não é um objetivo e sim um caminho. Devemos procura vivê-la intensamente e de forma saudável junto aos nossos."

"Saudade".

"Que triste!"

"Passou desta para melhor."

"Credo!"